CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
Praça Cons.Rodrigues Alves,48 - 2º andar - Tel.(0125)22-3674
ANO DE 1986

A RUA DOS ITALIANOS

- Ah! quem te viu e hoje te vê...
  Ai! quem te viu, quem te verá!
  A minha casa, naquela esquina...
- Quanta lembrança de uma oficina
  onde aprendi a ler jornal!
  Era o "Correio", era "Il Fanfulla"...

Betina Marino

Registra José Vicente de Freitas Marcondes, sociólogo que se dedica ao estudo e pesquisa sobre os italianos no Vale do Paraíba, que a presença italiana na história e na cultura brasileiras remonta ao ano de 1499, com a primeira viagem do navegador florentino Américo Vespucci. A ele se seguiram muitos outros, aventureiros, viajantes e cronistas que chegaram a participar da própria colonização do país, como os notáveis irmãos Guiseppe, Francisco e Paolo Adorno, da alta nobresa italiana, que aportaram no Brasil com Martim Afonso de Souza e se tornaram grandes senhores dos primeiros engenhos de cana de açúcar erguidos no continente. Paolo Dias Adorno casou-se na Bahia com a filha do cacique Caramurú, sendo o primeiro cruzamento do sangue italiano com o indígena, segundo afirma Francisco Pettinati em "O elemento italiano na Formação do Brasil. De Américo Vespúcio a Líbero Badaró", editado em 1939.



No Vale do Paraíba, encontramos a presença italiana já no século dezoito, através de Antonio, filho do cirurgião veneziano Dionisio Marcone ou Maricone, que deu origem à família Marcondes. Estabeleceu-se Antonio Marcondes do Amaral, já com seu

nome aportuguesado, em Pindamonhangaba, em 1728, onde se casou em primeiras núpcias com Madalena Cardoso, casando-se pela segunda vez em Guaratinguetá, com Ana Joaquina de Sá, deixando das duas núpcias 15 filhos, segundo informaram Cesar Salgado em "A ascendência ítalo-portuguesa dos Marcondes" e João Ribeiro Marcondes Machado, em "Os Marcondes".

As primeiras notícias da chegada de diversas famílias italianas ao Brasil, entretanto, vão surgir mais de um século depois, em 1838, embora já tivessem sido feitas tentativas anteriores, por D. João VI e D. Pedro I. Mas foi somente com o casamento de D. Pedro II com a princesa napolitana Tereza Cristina, filha do Rei de Nápoles e das duas Sicilias, que foi incentivada a emigração européia para o Brasil. Recebida com muitas festas pelos brasileiros, D. Tereza Cristina trouxe em sua comitiva alguns artistas napolitanos e vários artesãos, que ficaram para sempre e que mandaram buscar seus parentes na Itália. Foram esses napolitanos que promoveram, com o apoio da Imperatriz, a difusão da cultura, das artes plásticas e da artesania, através de artistas, professores de música, profissionais liberais, alfaiates, pequenos comerciantes e artífices urbanos. Em Guaratinguetá, vamos notar a presença italiana não apenas na área rural, mas principalmente na cidade, em uma rua central que passou a ser carinhosamente conhecida como "a rua dos italianos". É a atual rua Comendador Rodrigues Alves, antiga rua Riachuelo ou do Porto, porque "possuia um pequeno porto perto da ponte do rio Paraíba onde atracava um vaporzinho de Lorena, que vinha buscar cana de açúcar para o Engenho existente naquela cidade".

Era nessa rua - que em 1904 possuia 95 casas - que as famílias italianas procuravam se estabelecer no século passado e princípios do século atual, aí exercendo, quase sempre junto à própria moradia, as mais diversas formas de artesanato e comércio. Embora não tenha sido possível registrar todas as que ali se estabeleceram, podemos destacar os nomes de algumas famílias e das atividades que exerciam, dados obtidos com depoimentos e entrevistas e, também, através do Anuário Guaratinguetaense da Gazeta do Povo", publicado em 1904. São os seguintes: Anita Casella - Padaria; Afonso Gianico - Hidráulica; Agostinho Del Monaco - Marcenaria (onde hoje se localiza a Esperança); Antonio Ciccone - Tintureiro; Antonio Datolla - Comerciante; Antonio Linguito - Sapateiro; Antonio Lorígio - Bar; Atílio Carelli - Relojoaria; Antonio Marotta - Padaria e Cinema; Antonio Peccoraro - Comércio; Bernardo Martino - Barbeiro (Salão Ítalo-Brasileiro); Braz Improta e Filhos - Sapateiro; Braz Mollica - Padaria e Restaurante; Braz Veroni - Fábrica de calçados finos para senhoras; Caetano Caltabiano - Comerciante e fazendeiro; Capitão Ricciulli - Fazendeiro; Ernesto Aliandro - Serralheiro e Representante do Consulado da Itália; Etore Barbetta - Fazendeiro; Felicio Temporini - Ourives; Francisco e Omar Cassali - Comércio; Francisco Pagano - Comerciante, Móveis e Marcenaria; Francisco Papaterra Limongi - Negociante de fazendas e armarinhos, Armador; Gino Criscuolo e sua esposa Maria Ferranti - Chapelaria e Tinturaria, posterior

mente Casa Gino; Irmãos Zappa - (João, Francisco a Antonio) - Papelaria e Livraria - Jornais e revistas; J. Gambogi & Comp - Armazém de Secos e Molhados por atacado e a varejo; João Cassali - Comerciante; João Darrigo - Comerciante; José Amilcar Bedaque - Comerciante, Secos e Molhados; José Carelli - Comerciante; José Cernichiaro - Fabricante de tachos de cobre, Oficina de Calderaria, denominada "Ao Regador Monstro" e que possuia um grande regador pendurado na porta; José Mazini - Restaurante e Hotel; José Zacaro - Sapateiro; Júlio Godeli - Sapateiro; Luiz Biceglia - Fabrica de macarrão; Luiz Cherubini e Catarina Criscuolo - Casa Vitória, Calçados e Chapéus; Luiz Riccio - Barbeiro, Perfumarias; Mariano Del-Vecchio - Alfaiate ("A Tesoura Inglesa"); Miguel Cavalheiro (Cavaglieri) - Relojoaria Cavalheiro, Grande sortimento de relógios e jóais; Miguel Marzano - Sapateiro; Nicolau Barone - Alfaiate; Olímpio Alfredo Cipro - Serralheiro; Palmiro Salmi - Alfaiate; Paschoal Pannunzio - Oficina de Sapateiro; Paulo Zanota - Comerciante; Pepino Aliandro - Serralheiro; Pizani - Fabrica de sapatos; Salvador Marino - Comerciante, Ferragens, secos, molhados e funilaria, tachos de cobre. Representante do Consulado da Itália; Salvatore Bimestri - Fábrica de Macarrão, posteriormente Tinturaria e Lavanderia; Salvatore Selvagio - Comerciante; Segismundo Lauria - Fabricante de calçados; Vicente Averaldo - Empório; Vicente Marzano - Barbeiro; Vicente Messano - Negociante, Secos e Molhados, Vitor Cavalheiro (Cavaglieri) - Fábrica de Flores e mais recentemente, Amato Luchesi - Alfaiataria e confecções; Giorgio Pierotti - Comerciante.

Hoje, muitas dessas famílias ainda preservam suas propriedades na mesma rua, enquanto outros nomes, também de origem italiana, aí se estabeleceram com novas casas comerciais.

Embora incompleta, a lista demonstra a intensa concentração de italianos na antiga rua Riachuelo e em suas redondezas, como na rua da Palha, hoje Almirante Barroso, onde morava o afamado alfaiate Salvador Perrela e a família de Paschoal Napolitano, proprietário do Salão Paulistano, com barbearia já em 1904 à rua José Bonifácio, antiga rua Nova do Porto. Na praça 13 de Maio, hoje Conselheiro Rodrigues Alves, de onde saía a "rua dos Italianos", se estabeleceram os negociantes de fazendas e ferragens, Luiz e Antonio Maria Filippo, irmãos de Monsenhor Filippo, vigário da Matriz de Santo Antonio (escritor sacro e um dos baluartes do desenvolvimento e da filantropia em Guaratinguetá, responsável pela construção do Orfanato Puríssimo Coração de Maria, do Colégio São José, do Colégio do Carmo e de inúmeras outras obras sociais, além das reformas da Matriz e da igreja do Rosário, que se erguia onde hoje é o Bar Pequeno). Na mesma praça encontramos, em 1904, Angela Maria Marotta e Thomas Rocco - ourives, joalheiro e relojoeiro com negócio no início da atual rua Dr. Morais Filho.

Além dos italianos, também se estabeleceram na rua do Porto o espanhol João Munhoz, que era barbeiro, os portugueses José Escobar, serralheiro e ferreiro, com "oficina em geral", e os Veiga Soares, que ainda hoje mantém suas propriedades e negócio. Escobar, "morava ali,

a esquerda de quem desce, pouco antes da linha do trem", narra Betina Marino. Foi pai de Glória Escobar, a musa da famosa valsa de Bonfiglio de Oliveira - Glória, "lembrança de um idílio que durou pouco, talvez, mas que viverá sempre na beleza de uma inspiração". Além da casa do Escobar, a esquerda de quem desce, pouco abaixo da linha do trem, ficava "a oficina de florista de seu Victor Cavalheiro, única no gênero e na perfeição. Uma casa grande, baixa, de largas janelas sempre abertas, porque a sala era o lugar do trabalho e ao mesmo tempo o da exposição das flores que se tornaram famosas aqui e fora daqui, executadas pela família de seu Victor, que supervisionava o serviço como um dedicado diretor. Eram flores de pano, de papel e de lata que rebrilhavam entre os dedos hábeis, num ruído sonoro, todo especial. Na maior parte as flores eram roxas, coroas e palmas para funerais. Mas havia uma profusão de outros tipos e de outras cores, de acordo com a finalidade que deveriam ter", informa ainda Betina Marino, em "Salto de Vida - poesias e crônicas".

Em outra publicação, "Perfis a Giz", editada em Guaratinguetá, em 1915 por Pires e Peres (pseudônimo de Nero Senna e Sinésio Passos) foram lembrados, com sonetos, dois filhos da Itália: Miguel Cavalheiro e Nicolau Baroni. Em "Guaratinguetá", publicado por Ferreira Júnior em 1962, duas crônicas lembram Felício Temporini e Antonio Datola. Do mesmo autor, outro livro, o "Boa Noite para você - reflexões sobre as criaturas boas", são homenageados entre outros, Onofre Amoroso, Inácio Cipolli, Amadeu Cipolli, João Zappa, Paulo D'Alessandro, Afonso Gianico, Gino Criscuolo, José Carlos Bartelega e Rosa M. Adele Cáppio.

Em obra recente, "Guaratinguetá - história lírica da cidade", de autoria de José da Silva Lacaz - Tuvira, há uma página inteira dedicada "aos artesãos que instalaram-se na cidade com oficinas de utilidades" registrando nomes diversos como Paschoal Panunzio, Américo Cipoli, José Zacharo, Angelo Limongi, Del Monaco, Pagano, Baroni, Del Vecchio, Thomaz Rocco, Cavaglieri, Carelli, Arresi, Aliandro, Vicente Sanseveri, Marota, Molica, Salvador Bisseglia, Ferri, Palazo, Pizani, Veroni, Godeli..." todos com raízes na península e muitos estabelecidos na "rua dos italianos". Outros nomes ainda foram homenageados pelo Poder Público, como patronos de diversas ruas da cidade.

Bons artífices, os italianos eram procurados para a execução de pequenos-grandes serviços. Exemplo notável é o sr. Paschoal Pannunzio, que fazia sapatos do Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, inclusive "as botinas para sua posse na Presidência da República".

Eram os italianos que traziam novidades para a então pacata cidade. O primeiro gramofone que chegou a Guaratinguetá veio por intermédio do sr. Salvador Marino, que foi ainda representante do Consulado Italiano na cidade. Descreve sua filha Betina, em uma de suas crônicas, "a reunião costumeira perto do gramofone, para ouvir belos trechos de óperas e dar gostosas risadas entre os queridos patrícios, na

vivacidade de uma boa prosa, entremeada de um bom café".

Normalmente, os italianos se reuniam para palestrar no Hotel Guará, fundado por Mário Baruzzi, onde faziam o famoso "jantar dos italianos", hotel esse que também ficava próximo à rua dos italianos". Outro ponto de reuniões era a Societá Italiana de Mútuo Soccorso, criada com finalidades filantrópicas e sociais, onde realizavam saraus lítero-musicais que algumas vezes coincidiam com datas importantes para a história da Itália. Ainda, por diversas vezes, quando grandes companhias líricas européias vinham a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, foram elas trazidas a Guaratinguetá por intermédio do sr. Salvador Marino, apresentando-se no antigo Teatro, prédio onde hoje funciona a Prefeituta Municipal. Eram grandes ocasiões culturais, das quais participava toda a sociedade guaratinguetaense.

Assim, embora nem todos os italianos que vieram para a cidade de Guaratinguetá tenham se estabelecido na rua do antigo porto ou em suas imediações, podemos, guardadas as devidas proporções, comparar a "rua dos italianos" da nossa cidade, ao famoso bairro do Braz, na capital de São Paulo.

A presença italiana traz para a cidade uma Agência Consular, registrada pelo Almanach do Estado de São Paulo para o ano de 1890, tendo então como representante, o sr. Mariano Del Vecchio.

Em 1892 é assinado contrato para a fundação de um Núcleo Colonial na Fazenda do Piagui, que proporciona a vinda de mais 33 famílias italianas, num total de 137 pessoas. O fato contribue para que o Censo de 1920, segundo Franco Cenni, registre"que Guaratinguetá se destaca, nessa data, em todo o Estado de São Paulo, ocupando o primeiro lugar no tocante à miscigenação entre os filhos da península com paulistas".

O Museu Frei Galvão agradece a excelente colaboração dos srs. Gino Criscuolo Filho e Angelo Limongi, para a elaboração deste trabalho.
Gino Criscuolo Filho, que é o idealizador da obra, e Angelo Limongi, ambos descendentes dos primeiros moradores da rua dos italianos, levantando dados,nomes e informações sobre as famílias daquela rua e suas adjacências, tornaram possível a realização da presente monografia, dentro da série "Conheça e valorize sua terra e sua gente".

NOTA:- No desenho, trecho da "rua dos italianos", antiga rua do Porto ou Riachuelo, atual Comendador Rodrigues Alves.

FONTES DE CONSULTA

- Almanach do Estado de São Paulo para 1890 por Jorge Seckler. Sétimo Anno. São Paulo. Editores-proprietários. Jorge Seckler & Comp.
- Annuário Guaratinguetaense da Gazeta do Povo. 1904. 1º ano. Typografia Nogueira. Rua Riachuelo, 40. Guaratinguetá.
- Cenni, Franco. Italianos no Brasil. São Paulo. Livraria Editora.s/d.
- Ferreira Júnior. Guaratinguetá. Excerptos de sua grandeza e reflexões sobre seus homens. Estado de São Paulo. 1962.
- Ferreira Júnior. Boa noite para você - reflexões sobre as criaturas boas. Guaratinguetá. 1962.
- Lacaz, José da Silva. Tuvira. Guaratinguetá. História Lírica da cidade. Edição do autor. 1985.
- Lucchesi, Giovanni Ferrucio. Italianos em Guaratinguetá. Monografia nº 42. Publicação do Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá. Departamento Municipal de Cultura. 1984. Série Conheça e valorize sua terra e sua gente.
- Marcondes, José Vicente de Freitas. A contribuição italiana ao Brasil em 140 anos. In: Revista "Problemas Brasileiros", dez.1975. São Paulo.
- Marcondes, José Vicente de Freitas. Guaratinguetá, Piaguí e os Italianos. Monografia nº 41. Publicação do Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá. Departamento Municipal de Cultura. 1984. Série Conheça e valoriza sua terra e sua gente.
- Marino, Betina. Salto de vida. Poesias e crônicas. Coordenação do Prof. José Luiz Pasin. Editora Santuário Aparecida. 1983.
- Pires & Peres. Perfis a Giz. Impresso nas Oficinas da Casa Mayença. Cruzeiro. 1915.
- Pettinati, Francesco. O elemento Italiano na Formação do Brasil. De Américo Vespucci a Líbero Badaró. São Paulo. Elvino Pocai Editor. 1939.
- Senna, Homero. Um mineiro de Guaratinguetá. Serviço Gráfico do IBGE. Rio de Janeiro, 1974.

Os anuncios que se seguem mostram um pouco da presença italiana — notadamente da rua do Riachuelo — na imprensa de Guaratinguetá.

Observar principalmente a venda de passagens "directamente para a Itália", com Salvador Marino, sub-agente da Sociedade de transportes marítimos a vapor.



LA NAZIONALE—com sede em Genova, VENDE PASSAGENS directamente para a Italia.

CONSTRUCÇÕES
de ferro batido, como grades, portões, saccadas. Concertos de fogões economicos, machinas de costura, armas de fogo, etc.

na Officina de Ferreiro e Serralheiro

DE

Ernesto Alliandro

Concertam-se tambem carros de praça, trolys e carroças

Faz depositos para agua, de todos os tamanhos.

Grande perfeição e modicidade em preços

Rua Riachuelo n. 36

Guaratinguetá